

30-08-2022

## Antropofagia & Antropoesia: sincretismo às avessas ou artevismo contra a “opressão da maldade”?

**Annibal Coelho de Amorim**

[Médico. Doutor em Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Parto da perspectiva “simbólica” de Mário de Andrade em que a antropofagia macunaímica, do período modernista de 1922, tem ao mesmo tempo a vitalidade tropical de um lado “primitivo” e o pós moderno mais “civilizado” - embora essas palavras devam ser mantidas entre aspas porque pouco ou nada sabemos quem é primitivo e/ou civilizado. Não proponho examinar os pares de oposição (rural X urbano; atual X tradicional; bem X mal; são X insano; eficiente X deficiente), mas viajo no sincretismo andradiano e me aventuro nos elementos anti-heróicos de Macunaíma, cuja persona “soa através” cem anos depois da semana de 22. Ainda que o significado simbólico de antropofagia seja de “incorporar as qualidades de quem é comido por seu oponente” (tomando o simbolismo de um guerreiro que literalmente mastiga seu adversário), tentando assimilar “a bravura e a coragem do que é “derrotado”, cem anos depois testemunhamos tristes relatos de antropofagia na economia neoliberal a consumir vorazmente os direitos de trabalhadores. De garimpeiros devorando os territórios existenciais de nossos povos originários, os exemplos se sucedem e me vem à memória Dom e Bruno, cujos espíritos hoje se unem a todos outros entes que protegem rios e florestas para que permaneçam intocáveis.

Lanço, portanto, mão da visão andradiana, e utilizo a expressão popular “comer com esses olhos que Deus me deu” para constatar que, ainda que tenhamos avançado - tecnologicamente falando -, muitos entre nós são presas fáceis do “bicho homem”, com aquela fome mais conhecida como ganância. Os registros dessas “caçadas” estão registradas em pinturas rupestres de cavernas ou em cemitérios clandestinos dos que “sumiram lá pelas bandas do Araguaia”. Será que existe um “ponto de fuga” nessa trama? Fico conversando com meus botões e me pergunto se existe um amuleto pós moderno, capaz de nos livrar de uma vez por todas, desse mal-estar que nos amedronta no terceiro milênio? Mário de Andrade refere-se ao “muiraquitã” como nosso amuleto tropical, como “algo moldado no contato com a terra e o ar”, conferindo aos que o recebiam a possibilidade e o atributo mágico da “boa sorte e da cura das doenças”, devidamente banhadas nas “águas da lua refletida de um rio”, resultado do sincretismo andradiano. Por onde essa conversa nos conduz? Partindo do título que ressalta antropofagia e antropoética, deixo-me levar pela trilha da poiésis, que significa a produção/criação.

Aristóteles definiu poiésis como “arte (tekhné). Em primeiro lugar, se referiu à disposição ou “potência” (dýnamis), da alma (psyché) relacionada com a produção (poiésis), como espécie de hábito adquirido (héxis) relacionado ao fazer poético (poiésis).

Falo, pois, na transição de uma ponte, cuja fonte criativa se demarca no limite da antropofágica dando passagem à antropoética...

Assim, a um só golpe, deixamos de lado os rituais antropofágicos “primitivos”, que na beira do rio toca a terra e assume forma antropoética, uma deusa que das fronteiras do primitivismo, vindo do nada, fez o verbo virar carne. É ou não é poesia, pergunta-se.

Que me perdoe Mário de Andrade, mas Macunaíma é, a meu ver, um anti-herói originário, nativo, que se embrenha entre nós, mistura sentidos e significados e procria por meio da poiésis, gestando cores e palavras tropicais:

*“Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram então muitas jandaías, muitas araras vermelhas, tuins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem.”*

(Andrade, 2007, p.32)

O significado do nome do herói de Andrade: Maki = mau e o sufixo aumentativo Ima = grande, no Capítulo Macumba, assume a forma de Exu, já que este significa “grande mal”, coincide com a visão cristã do mensageiro dos orixás como força de enfrentamento das coisas terrenas. Exu é primitivo e enfrenta problemas civilizados com o fogo que a tudo consome... Segundo D’Ambrósio (1994) herói comum e anti-herói divino se encontram em Macunaíma no interior de cada indivíduo.

De um perfil macunaímico, abandono Mário de Andrade e recorro à antropoesia do cinema novo de Glauber Rocha para relembrar outro anti-herói, Antonio das Mortes, matador contratado por coronel para matar um beato agitador em “O Dragão da Maldade e o Santo Guerreiro”, primeiro longa metragem a cores do cinema brasileiro (1969), censurado pela ditadura militar. “Com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, lema do cinema novo, estabeleceu paralelo com o modernismo andradiano e mostrou os dentes à filmografia dos Estados Unidos. O cinema “nos olhos e mãos” de Glauber Rocha adquire senso estético que segue passos de sua obra anterior (“Deus e o Diabo na Terra do Sol”), sincretismo cinematográfico em que o criador poiético mistura ópera e cordel. Estaríamos às voltas com Antropofagia & Antropoesia dando passagem ao artevismo contra a “opressão da maldade”?

Personagens de nosso cotidiano tropical respondem que sim.

Em contexto pandêmico - onde Covid-19 sintetiza uma ruptura ecossistêmica -, (re)apresentam-se personagens em lutas anti-heróicas contra diferentes “dragões da maldade” pós-modernos (expansão do liberalismo; neocolonialismo; nazifascismo; guerras híbridas; capacitismo estrutural; imigração em diferentes continentes; pauperização massiva etc)... Cada um desses anti-heróis de hoje deixam que seus “verbos se façam carne” em lutas identitárias, enfrentando “opressões da maldade” de forma antropoética.

**Diante da antropofagia neocolonizadora, que ainda se faz presente, resta-nos um sopro de esperança antropoética reafirmando que nem sempre o “viver não é preciso”!**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*